



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN**  
**CAMPUS AVANÇADO DE PATU-CAP**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS-DL**  
**CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

**DANIEL MEDEIROS DE OLIVEIRA**

**A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA DISCRIMINAÇÃO SOCIAL: O  
PRECONCEITO SOCIAL NA OBRA *CLARA DOS ANJOS*, DE LIMA BARRETO**

**PATU-RN**  
**2019**

DANIEL MEDEIROS DE OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA DISCRIMINAÇÃO SOCIAL: O  
PRECONCEITO SOCIAL NA OBRA *CLARA DOS ANJOS*, DE LIMA BARRETO**

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Me. Leandro Rodrigues Torres

PATU-RN  
2019

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

O48r Oliveira, Daniel Medeiros de  
A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA  
DISCRIMINAÇÃO SOCIAL: O PRECONCEITO SOCIAL  
NA OBRA CLARA DOS ANJOS, DE LIMA BARRETO. /  
Daniel Medeiros de Oliveira. - Patu/RN, 2019.  
44p.

Orientador(a): Profa. M<sup>a</sup>. Leandro Rodrigues Torres.  
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em  
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Preconceito social. 2. Sociedade brasileira. 3. Clara.  
4. Lima Barreto. 5. Representação literária. I. Torres,  
Leandro Rodrigues. II. Universidade do Estado do Rio  
Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

DANIEL MEDEIROS DE OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA DISCRIMINAÇÃO SOCIAL: O  
PRECONCEITO SOCIAL NA OBRA *CLARA DOS ANJOS*, DE LIMA BARRETO**

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Me. Leandro Rodrigues Torres

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

Banca Examinadora

---

Prof. Me. Leandro Rodrigues Torres. - Orientador  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

---

Profa. Ma. Maria *Karoliny* Lima de Oliveira  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

---

Prof. Me. Gleison Carlos Souza de Morais  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente, quero agradecer a toda minha família e, em especial, aos meus pais Adeilma Medeiros de Oliveira e Edmundo Alves de Oliveira que sempre me auxiliaram financeiramente e afetivamente durante essa jornada. Também deixo os meus reconhecimentos a minha vó paterna Alzira Alves de Oliveira e minha tia Alcineide Alves de Oliveira que apesar de suas constituições ideológicas conservadoras alinhadas a tempos passados, sempre estiveram ao meu lado me cobrando bons resultados.

Posteriormente, deixo meu sincero reconhecimento a minha atual namorada Emílli Mariana de Medeiros Dantas, que em todas as situações durante o período de graduação, sempre esteve ao meu lado me apoiando e me incentivando a concluir o curso. Ressalto também o caráter incrível do meu amor (Mariana), sendo responsável por grande parte do meu equilíbrio emocional.

Agradeço também a todos os meus colegas e amigos de graduação que contribuíram de forma incalculável durante todo esse período, não apenas em aspectos acadêmicos, mas em crescimento social. Em especial, não poderia esquecer das minhas duas irmãs que a vida educacional me deu, Ana Paula de Oliveira Silva e Noemia de Sousa Silva Neta que formaram minha base em todas as atividades realizadas durante a graduação, sempre me auxiliando no que fosse necessário.

Ao meu orientador Leandro Rodrigues Torres, por todo o auxílio prestado e conhecimento construído durante esse período crucial para finalização do curso, sempre com seu “tranquilo” acompanhado do meu “vai dá certo”. Destino também um agradecimento imensurável a todos professores que contribuíram para minha formação acadêmica.

Por fim, agradeço a meu “Deus” que apesar de não ser adepto de nenhum tipo de religião, acredito em algo superior, que sempre me escutou e me ajudou a me manter firme durante toda minha vida.

*“Nós não somos nada nesta vida”.*

*(Lima Barreto)*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2 A REPRESENTAÇÃO LITRÁRIA DA REALIDADE SOCIAL</b> .....	13
2.1 Literatura e seu reflexo social .....	13
2.2 Crítica sociológica.....	19
<b>3 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO OPRIMIDO</b> .....	27
3.1 A construção da personagem na narrativa.....	27
3.2 A discriminação social .....	34
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	44

## RESUMO

É sabido que a sociedade brasileira durante a passagem do século XIX para o século XX viveu um período conturbado de sua história, a implantação do sistema republicano que esboçava em seus discursos mais igualdade e inclusão, mas não se concretizava, o que ocasionava grandes revoltas organizadas pelas classes menos favorecidas. Diante desse momento de turbulência, esse trabalho buscou analisar o preconceito social condicionado pela discriminação racial sofridas por Clara na obra *Clara dos Anjos* de Lima Barreto, autor mulato que vivenciou esse recorte sincrônico da história da sociedade brasileira. Essa obra foi finalizada em 1922, ano da morte do autor, vindo a ser publicada postumamente no ano de 1948. A narrativa por se tratar da última obra do escritor, aborda de forma crítica e organizada o preconceito social praticado contra mulheres pobres, mulatas e residentes do subúrbio do Rio de Janeiro, expondo como forma de denúncia a representatividade da realidade social vivenciada na época por meio da interiorização desses atos na construção da obra. O objetivo dessa pesquisa é analisar a representação da discriminação social, bem como a relação entre os aspectos exteriores e interiores da obra. Para embasar as discussões, foram utilizados autores como: Alfredo Bosi (2017), Rachel Soibet (2012), Antônio Candido (2000), entre outros. A pesquisa teve como método base, o perfil qualitativo-exploratório e bibliográfico, estando organizada em quatro capítulos: o primeiro instrutório, o segundo teórico, um terceiro para análise do *corpus* e o quarto para as considerações finais. Assim, verificamos que a personagem principal Clara sofre preconceito social impulsionados pela cor de sua pele, bem como a representação literária de fatos reais e autobiográficos do autor sem aparecer sua subjetividade.

**Palavras-chave:** Preconceito social. Sociedade brasileira. Clara. Lima Barreto. Representação literária.

## ABSTRACT

It's known that during the passage from the nineteenth to twentieth century, Brazilian society lived a troubled period of its history, the implementation of the republican system that sketched in their speeches more equality and inclusion, but it didn't materialize, which caused great revolts organized by the less favored classes. Faced this turbulent moment, this work aimed to analyze the social prejudice conditioned by the racial discrimination suffered by *Clara* in *Clara dos Anjos* of Lima Barreto, black author who experienced this synchronous clipping in the history of Brazilian society. This work was completed in 1922, in the year of the author's death, and was published posthumously in the year 1948. The narrative, for being the writer's last work, addresses in a critical and organized manner the social prejudice against poor women, black women and residents of the Rio de Janeiro suburb, exposing as a form of complaint the representativeness of the social reality experienced at the time through the internalization of these acts in the construction of the work. This research aims to analyze the representation of social discrimination, as well as the relationship between the exterior and interior aspects of the work. To support our discussions, we used authors such as: Alfredo Bosi (2017), Rachel Soibet (2012), Antônio Candido (2000), among others. This research had as base method, the qualitative-exploratory and bibliographic profile, being organized in four (4) chapters: the first instructor, the second theorist, a third for corpus analysis and the fourth for final considerations. Like this, we verify that the main character Clara suffers social prejudice driven by the color of her skin, as well as the literary representation of real and autobiographical facts of the author without appearing his subjectivity.

**Keywords:** Social prejudice. Brazilian society. Clara. Lima Barreto. Literary Representation.

## 1 INTRODUÇÃO

Diante das diversidades sociais e raciais existentes em nosso país e, principalmente por essas diferenças desencadearem discriminações entre classes, tendo em vista que vivemos em uma sociedade intolerante, preconceituosa e heterogênea que possui um longo histórico discriminatório desde a escravatura até contemporaneidade. Esta pesquisa visa a elucidação desses problemas sociais através de um olhar literário de uma obra engajada na temática. Esse trabalho possui como *corpus* a obra *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, que servirá como base para a investigação desses atos de discriminação social, condicionados ainda pela prática do preconceito racial no contexto histórico da sociedade brasileira.

O trabalho em questão procura analisar a representação do preconceito social reforçado por questões raciais na obra *Clara dos anjos* (2013), com ênfase na personagem Clara que representa uma parte das pessoas pertencentes as “minorias”, as quais permanecem excluídas historicamente na sociedade brasileira.

Afonso Henriques de Lima Barreto, mais reconhecido como Lima Barreto, nasceu no Rio de Janeiro no dia 13 de maio de 1881, foi um dos principais escritores e jornalistas do período de transição conhecido como pré-modernista. Filho de pai e mãe mestiços, suas obras retratam temáticas sociais e raciais com aspectos nacionalistas. Sofreu o preconceito social e racial na pele, tendo uma vida conturbada, chegou a ser internado no manicômio algumas vezes depois de crises depressivas, buscou fuga dessa carga de problemas em bebidas, assim como em seus escritos literários, chegando a sofrer com o alcoolismo e escrever obras renomadas para a literatura brasileira.

A obra *Clara dos Anjos* (2013) foi o último livro de Lima Barreto, tendo sido finalizada em 1922, ano da morte do autor, mas só veio a ser publicado postumamente no ano de 1948, o romance relata em terceira pessoa a história da jovem Clara, moça de dezessete anos, mestiça e privada do contato com o mundo que a cercava, parte por sua condição social e racial e parte por proteção de forma exacerbada de seus pais. A narrativa expõe as discriminações sociais e o preconceito racial sofrido por pessoas habitantes do subúrbio do Rio de Janeiro no início do século XX. O autor coloca principalmente em Clara características passivas e inocentes que a impediam de defender-se no meio, visto que antes do final da a narrativa a protagonista não tinha consciência da sua condição social e nem da sociedade preconceituosa a qual estava inserida.

Assim, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar como o preconceito, fator externo, é internalizado e determinante na constituição da personagem e de sua trajetória dentro da narrativa. Como ocorre a transmutação do externo para o interno, e como esse processo define a constituição estética da personagem na obra *Clara dos Anjos* de Lima Barreto, bem como toda a sua construção na narrativa. Como objetivos específicos temos: examinar a representação do preconceito social a partir do contexto histórico representado pela personagem Clara na obra já citada, considerando os aspectos temporais e atemporais da obra e autor, assim como os recursos representacionais utilizados; estudar o preconceito racial como condicionante das discriminações sociais na personagem Clara, em *Clara dos Anjos* de Lima Barreto, visando compreender a intenção do autor em construir a personagem com ambas as características e relação dos dois tipos de distinção praticados no contexto histórico social brasileiro; investigar a construção da personagem Clara em *Clara dos Anjos*, como o preconceito define de fora e de dentro, tanto o conteúdo quanto a estética da obra, não só oferecendo costumes, comportamentos, contexto social, mas também interferindo na forma do texto.

O interesse pela pesquisa surgiu após o contato com as obras de Lima Barreto durante a graduação e por retratarem aspectos inerentes e atemporais da sociedade brasileira, contribuindo assim para o entendimento de problemas socioculturais nacionais. Dessa forma, ocorreu a identificação pelo caráter denunciador da obra e pelas temáticas sociais abordadas. Assim, com a atualidade conturbada em que o culto a essas diferenças tem se propagado com maior ênfase no cenário nacional, faz-se necessário contribuir, de alguma forma, para esclarecimento e conscientização das injustiças sociais de nosso país.

Desse modo, a pesquisa possui importância acadêmica por propor-se a esclarecer problemas sociais brasileiros por meio de uma elucidação crítica literária. Dessa forma, visa explicar essas representações para melhor compreensão das injustiças sociais brasileiras. O trabalho busca esclarecer por meio de uma obra do cânone brasileiro, que aborda as desigualdades sociais e as formas que levam a “manutenção” dessas discriminações, expondo o ciclo de preconceito culturalmente presente em nossa sociedade.

A pesquisa em questão é de extrema relevância para compreender como o preconceito social reforçados pela discriminação racial se eterniza na sociedade

brasileira e de que forma essas desigualdades são retratadas na literatura por um autor pertencente à classe das “minorias” existentes no Brasil.

A pesquisa se desenvolveu através das teorias de Gayatri Chakravorty Spivak (2010), para auxílio na compreensão da luta de classes sociais, também foi empregado Candido (2000), com o intuito de obter um conhecimento mais aprofundado entre literatura e sociedade. Barreto (2013), serviu como *corpus* para análise da personagem *Clara* em consonância com Gancho (2010) para compreensão da representação fictícia colocada na personagem principal, e Soibet (2012), como aporte teórico sobre *Clara dos Anjos*, por fim, foi feito uso das teorias Gil (2008), visando a delimitação da metodologia a ser utilizada.

A pesquisa em questão é de caráter dedutivo e indutivo por partir de um problema social para a análise de um *corpus* literário, assim como por possuir fatos verídicos e observáveis. O trabalho também utilizou de procedimentos fenomenológicos, visando o estudo de caso específico em um lugar e, situado em um determinado tempo.

A análise enquadra-se também em um perfil exploratório, por procurar esclarecer ou alterar ideias já existentes sobre o tema, com o intuito de obter maior conhecimento e compreensão sobre a propagação de discriminações entre classes sociais distintas sob a ótica literária. Assim, a análise busca por meio da exploração de informações já existentes, construir conhecimento que facilite a compreensão da temática com mais precisão. Como diz Gil:

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. (GIL, 2008, p. 27)

Deste modo, a temática abordada possui uma gama de estudos bastantes favoráveis, que por meio de uma ótica crítica, sensível e reveladora quanto a da literatura, em especial de um autor que vivenciou na própria pele o carma de ser mestiço e de classe média baixa em uma sociedade preconceituosa. Diante do que foi exposto, a pesquisa intenciona a construção de ideias mais aproximadas e esclarecedoras acerca do assunto em questão.

Destaca-se o caráter bibliográfico da pesquisa, visto que essa característica está na base de uma análise científica, por objetivar a colheita de dados e informações

para embasamento e construção do viés abordado pelo tema em questão. Ressalta-se também de modo indispensável o viés explicativo da pesquisa, tendo em vista que tem como objetivo o estudo de problemas sociais representados na literatura (reflexo da realidade). Como Gil vem dizer:

São aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente. (GIL, 2008, p. 27)

Como o fragmento acima vem trazer, a pesquisa também é explicativa por buscar através de ideias e fatos compreender como ocorre a representação do preconceito social na obra *Clara dos Anjos* de Lima Barreto, bem como até que ponto essa representação condiz com a realidade. Desse modo, a análise procura explicar como acontece e o porquê da discriminação social estar presente na obra já citada anteriormente.

Assim, o presente trabalho tem como método base o perfil qualitativo-exploratório, sendo organizado em quatro capítulos, o primeiro introdutório para familiarização com a pesquisa. O segundo teórico, intitulado “A representação literária da realidade social”, que discute a construção da diversidade do povo brasileiro, o desenvolvimento econômico e social da sociedade brasileira no século XX, bem como a luta por espaço, respeito e reconhecimento em uma sociedade capitalista e com notáveis desigualdades. Um terceiro capítulo nomeado “A representação social do oprimido”, voltando-se para a análise da personagem Clara na obra, bem como sua construção durante toda a narrativa, o preconceito social sob a ótica literária, assim como a discriminação racial como condicionante dos preconceitos sociais sofridos por Clara na obra *Clara dos Anjos* de Lima Barreto.

Diante disso, acredita-se que a pesquisa em questão possa agregar contribuições para o estudo e análise social na literatura, assim como permitir por meio da representação literária o esclarecimento do fator racial como condicionante do tratamento social na sociedade brasileira. No entanto, a pesquisa aqui presente faz-se necessária não apenas como forma de denúncias e esclarecimento aos vários tipos de distinções presentes em nossa sociedade, mas também como uma contribuição teórica nos estudos literários, visto que analisa uma das obras menos estudadas do escritor Lima Barreto.

## 2 A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA REALIDADE SOCIAL

### 2.1 Literatura e seu reflexo social

Iniciando o século XX, o Brasil passava por um período conturbado de sua história, estava sendo implantado o regime republicano que, em teoria, seria mais justo e promoveria melhor condição de vida e participação da população nas decisões referentes a nação. Mas, na prática, aconteceu algo longe do que o novo sistema político defendia, havia crescentes desigualdades sociais acompanhadas de conflitos organizados por revoltosos insatisfeitos com a situação vivenciada na época, como: revolta da vacina, guerra de canudos, revolta da chibata, entre outros. Diante disso, nota-se um período complexo da história brasileira, em que as tensões estavam em alta, exprimindo as insatisfações e divisões de pensamentos do povo brasileiro. Como afirma Bosi:

O quadro geral da sociedade brasileira dos fins do século vai-se transformando graças a processo de urbanização e à vinda de imigrantes europeus em levas cada vez maiores para o centro-sul. Paralelamente, deslocam-se ou marginalizam-se os antigos escravos em vasta área do país. Engrossam-se, em consequência, as fileiras da pequena classe média, da classe operária e do subproletariado. Acelera-se ao mesmo tempo o declínio da cultura canvieira no Nordeste que não pode competir, nem em capitais, nem em mão-de-obra, com a ascensão do café paulista. (BOSI, 2017, p. 324)

Assim, de acordo com Bosi (2017), nota-se uma série de condicionantes sócio-históricas que contribuíram para o aumento das desigualdades no Brasil. O final do século XIX exalava mudanças econômicas e sociais em ares brasileiros, a vinda dos imigrantes europeus ocasionou desenvolvimento e visibilidade para o centro-sul, bem como em contrapartida, os escravos recém “libertados” e sem espaço e oportunidade na sociedade, fixavam residência as margens dos grandes centros, dando início aos subúrbios e favelas. Salienta-se também a queda da indústria canvieira no Nordeste, desencadeando o desemprego a uma boa parte da população que já enfrentava condições naturais de difícil sobrevivência, desenvolvendo assim um fluxo migratório interno.

Outro aspecto relevante, situa-se nas migrações realizadas pelos nordestinos no final do século XIX, visto que a *priori* ocorriam para o centro-sul, a procura de trabalho e fugindo das grandes secas que dificultavam a vida na Região Nordeste, esses povos tinham como objetivo conseguir empregos e moradias temporários, mas com o passar do tempo, sofrendo influência de uma série de condicionantes, acabavam fixando residência no centro-sul. A ascensão do café em São Paulo e o desenvolvimento dos grandes centros, ofereciam oportunidades de trabalho para os povos nordestinos, que com pouca experiência profissional e educacional eram colocados para desenvolverem os trabalhos mais pesados (quando não eram explorados). Com isso, os imigrantes da Região Nordeste em consonância com os afrodescendentes formaram a maior parte da população dos subúrbios brasileiros da época.

Influenciado por grandes avanços tecnológicos (na maioria estrangeiros) no início do século passado, o Brasil tinha como base de sua economia o comércio externo, tendo como sua principal produção o café e a borracha. Desse modo, o dinheiro, na sua maioria girava na mão de poucos, isto é, dos ricos. Ressalta-se a implantação da república que exibia em seus discursos melhores condições de vida para a população brasileira. Bosi enfatiza que:

[...] Paralelamente, deslocam-se ou marginalizam-se os antigos escravos em vasta áreas do país. Engrossam-se, em consequência, as fileiras da pequena classe média, da classe operária e do subproletariado. [...] (BOSI, 2017, p. 324)

O contexto social dos centros urbanos do Brasil no início do século XX, tinha como aspecto mais perceptível a distinção entre a elite burguesa em contraste com a classe média baixa, que era composta pelos residentes dos subúrbios, constituída na maior parte por imigrantes de outras regiões, na maioria negros e mestiços frutos da miscigenação de raças que constituem a população brasileira. A recente abolição da escravatura acontecida no final do século XIX, mas que pouco alterou as vidas dessas “minorias” esquecidas pelo governo. Diante do que foi exposto, torna-se relevante enfatizar as discriminações sofridas pela população pobre nos grandes centros. Como diz Spivak:

[...] Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneira. Se, no entanto, essa formulação é deslocada do contexto do Primeiro Mundo para o contexto pós-colonial (que não é

idêntico ao do Terceiro Mundo), a condição de ser “negra” ou “de cor” perde o significado persuasivo. A estratificação necessária da constituição de sujeito colonial na primeira fase do imperialismo capitalista torna a categoria “cor” inútil como um significado emancipatório. (SPIVAK, 2010, p. 85)

Assim, a sociedade brasileira exige grande resistência e luta por parte da população pobre, sobretudo influenciadas pelo período histórico de escravatura e preconceito racial que reforça ainda mais o preconceito social em uma sociedade capitalista, em que a condição financeira distingue e impõe socialmente os hábitos do sujeito. Especificando em um contexto ainda mais preocupante, o fato de ser mulher em uma sociedade machista e autoritária, condiciona de forma mais ativa a perpetuação do preconceito social, revelando que a cor, sexo ou situação financeira como emancipação e origem identitária não parecem ser notadas aos olhos da sociedade brasileira.

Diante de todos esses acontecimentos, o panorama da sociedade brasileira estava sendo formado por uma diversificação de povos e de situações sociais diversas, que causavam inquietações e insatisfações as classes desfavorecidas. A implantação do sistema republicano em 15 de novembro de 1889, defendia a redução dessas desigualdades, bem como ações de melhoria de vida para as classes sociais desfavorecidas no Brasil. Mas não foi isso que aconteceu, pouco mudou em relação a melhoria de vida e igualdades para todos, sendo que o que realmente ocorreu, foi a manutenção do ciclo, com a elite e a classe média explorando as “minorias” em um sistema capitalista.

Com a virada do século, instaura-se um cenário de revoltas e inquietações, e foi nesse momento que surgiu o período de transição intitulado de pré-modernismo, que iniciou no começo do século XX e foi até a Semana de Arte Moderna de 1922. As produções referentes a esse período possuem um conteúdo estético difícil de situar apenas em uma única estética, tendo em vista que visava mostrar as injustiças e inquietações vividas pelo povo brasileiro na época. Com isso, ocorreu uma considerável produção literária variada que antecipou “bandeiras” que seriam defendidas posteriormente pelo modernismo no Brasil. Bosi vem dizer que:

Caberia ao romance de Lima Barreto e de Graça Aranha, ao largo ensaísmo social de Euclides, Alberto Torres, Oliveira Viana e Manuel Bonfim, e à vivência brasileira de Monteiro Lobato o papel de mover águas estagnadas na *belle époque*, revelando, antes dos modernistas, as tensões que sofria a vida nacional. (BOSI, 2017, p. 327)

Bosi (2017) retrata a passagem histórica brasileira do início do século XX, utilizando como referência a *belle époque*, que consistiu em um período de insatisfações e inquietações na Europa que antecederam a Primeira Guerra Mundial, influenciando uma grande produção artística. Assim como na Europa, o início do século XX no Brasil exalava tensões que foram abordados por autores que posteriormente seriam reconhecidos e entrariam para o cânone literário brasileiro, retratando com peculiaridade a situação social brasileira da época. Soibet traz afirmações acerca do que foi a *Belle Époque*:

Durante a *Belle Époque* (1890-1920), com a plena instauração ordem burguesa, a modernização e a higienização do país despontaram como lema de grupos ascendentes, que se preocupavam em transformar suas capitais em metrópoles com hábitos civilizados, similares ao modelo parisiense. Os hábitos populares se tornaram alvo de especial atenção no momento em que o *trabalho compulsório* passava a ser *trabalho livre*. Nesse sentido, medidas foram tomadas para adequar homens e mulheres dos segmentos populares ao novo estado de coisas, inculcando-lhe valores e formas de comportamento que passavam pela rígida disciplinarização do espaço e do tempo do trabalho, estendendo-se às demais esferas da vida. (SOIBET, 2012, p. 362)

Durante esse período, o Brasil bebia de influências europeias que moldavam os costumes da classe média e ao mesmo tempo, manipulava as classes desfavorecidas, instalando um modelo social e trabalhista que, teoricamente, não era mais de maneira exploratória, e sim o trabalho livre, mas sem perder o controle da situação. Esse tipo de adaptação da “massa”, que não poderia ser mais forçado, viria a ser por meio da manipulação de costumes e valores reproduzidos pelas classes dominantes, para serem copiadas pelas classes mais baixas, mantendo assim um controle sobre seus hábitos, desenvolvendo um ciclo social que favorecesse a classe alta. Enfatiza-se ainda o modo de vida padronizado e disciplinado impulsionado por um sistema capitalista que exigia de cada um a dedicação diária para manutenção da vida em uma metrópole e em comunidade social.

Não é de hoje que a definição do campo que abrange a literatura tem sido difícil de definir ou delimitar, tendo em vista que está em sua essência a prática de manifestações artísticas que permeiam diferentes campos, desse modo, é considerada uma gama de manifestações humanas com funções comunicativas e de

teor estéticos que vão de obras literárias ao cinema, e que, são considerados literatura. Lajolo aborda a definição de literatura fazendo algumas indagações:

Será então que tudo o que foi publicado em livro é literatura? Mesmo aquele romance de alta sacanagem, que todo mundo lê escondido e gosta? E os livros que nenhum professor manda ler, que crítico nenhum fala, que jornais e revistas solenemente ignoram? A resposta é simples. Tudo isso *é, não é e pode seja* literatura. Dependendo do ponto de vista, do sentido que a palavra tem para cada um, da situação na qual se discute o que é literatura. (LAJOLO, 1995, p. 15)

Como afirma a autora acima, a literatura enquanto manifestação artística é difícil de defini-la, existindo variáveis aspectos a serem considerados. A arte possui em suas raízes a representação da sociedade, que de modo recíproco influencia na arte, havendo assim, uma relação de confluência entre ambas. Nota-se desta maneira, aspectos indissociáveis como o viés filosófico de levar o ser humano a pensar sobre sua existência, bem como o papel emancipador e revelador da arte, buscando atingir o sensível e intrínseco do “homem”.

A literatura e a sociedade são constituídas de uma relação indissociável em que uma está inserida na outra, de modo que a ausência de uma das partes acarretaria um “prejuízo incalculável” a outra. Desde os preceitos filosóficos, o homem sentiu necessidade de conhecer o mundo que o cercava, bem como o próprio ser e sua relação com que é exterior a ele. Com isso, desenvolveu técnicas de representação de conhecimentos para serem passados para seus companheiros de espécie, dando início às manifestações artísticas e as relações com a sociedade.

Com passar do tempo, a sociedade se modernizou, assim como as manifestações artísticas que seguem o seu fluxo, a arte sendo influenciada pela sociedade enquanto essência do autor pertencente a uma comunidade social, bem como a sociedade sendo impulsionada pela arte enquanto representação sensível da mesma. Entende-se que as bases dessa relação abrigam uma grande quantidade de aspectos que estão ligados de forma inseparável, visto que as manifestações artísticas dependem da sociedade (também enquanto público alvo e utilização do sistema social simbólico), assim como a sociedade necessita da arte para compreensão e interpretação de si mesma.

Tomemos como exemplo brasileiro da arte influenciando a sociedade, o movimento artístico *Tropicalismo*, ocorrido por volta de 1967 a 1968 com maior ênfase na música, promovendo maior aproximação com a questão popular, que não se

conteve apenas à música, acabando impulsionando a cultura de modo generalizado. Dessa forma, esse movimento influenciou até mesmo nos estilos de roupas da época, bem como a utilização de cores variadas, se aproximando da cultura *hippie* que surgiu nos Estados Unidos e também pode ser tomada como exemplo de arte influenciando a sociedade.

Já o movimento *Rippie*, que atingiu dimensões internacionais, teve seu surgimento nos Estados Unidos influenciados pela geração *Beat Generation*, que era um grupo de poetas e escritores que pregavam a contracultura praticada na época. Dessa forma, a geração *Beat* impulsionou diretamente o movimento *Rippie* surgido por volta de 1960 com origens na população negra e pobre residentes dos guetos, que cultuavam aspectos semelhantes aos *Beats*, o rompimento com modelos tradicionais, o desapego as coisas materiais e valorização de aspectos naturais, tendo como lema que se convencionou como *slogan* representativo desse movimento, a frase “paz e amor”. Desse modo, o movimento tomou proporções mundiais, influenciando o Brasil e outros países do mundo, expondo a arte refletida na sociedade, mostrando sua força e valor representativo. Vale ressaltar que a força desse movimento se deve a bandas como *Beatles*, *The Zombies*, *Janis Joplin*, *Secos e Molhados*, *Raul Seixas*, *Mutantes*, *Novos Baianos...* entre outras, que atingiram seu auge durante o contexto de segregação entre classes, sendo responsável pela divulgação interacional desse movimento, chegando a influenciar outros, como o tropicalismo no Brasil.

A arte e a sociedade estão ligadas diretamente, outro exemplo de valor representativo da sociedade na arte, é a obra do autor genuíno Machado de Assis no conto *A Cartomante*, na narrativa em questão, o mesmo faz uma crítica a sociedade de aparências da época, assim como os paradigmas sociais. Outro aspecto relevante, situa-se no fato da obra pertencer a terceira fase do realismo no Brasil, expondo de maneira evidente os anseios e desejos naturais inerentes à figura humana, trazendo em seu enredo um triângulo amoroso jamais aceitável ou mesmo “pensável” para os padrões do século XIX. Nesta obra é possível notar com várias evidências a sociedade refletida na obra, seja com o intuito de denúncia, que era característica marcante das produções do autor, ou apenas como valor comercial para atingir o público alvo.

Trazendo como exemplo para um contexto mais específico da pesquisa, o conto *Negrinha* de Monteiro Lobato, autor que teve durante algum tempo, polêmicas envolvendo suas obras, tendo como consequência a retirada das obras do autor do

âmbito escolar. O conto em questão, coloca em xeque uma sociedade preconceituosa e patriarcal da época, partindo desde a construção textual do conto até a representação da personagem principal que tem seu nome social negado. A obra possui características grotescas e escrachadas de uma sociedade discriminatória, desencadeando interpretações diversas sobre a obra. Diante disso, nota-se a representatividade da sociedade na obra, levando o autor a escrever algo que refletiu de forma tão ferrenha o preconceito existente na sociedade brasileira, chegando a dividir interpretações sobre o conteúdo trazido em sua constituição interna.

A sociedade brasileira é formada por uma diversidade de povos que possuem constituições culturas variadas e, que entram em contato com outras culturas, e essas por sua vez se misturam com o passar do tempo. Diante dessa disparidade entre povos e com evolução da sociedade brasileira, desenvolve-se de forma notória a distinção entre povos, causando assim uma grande insatisfação com as classes que sofriam (ainda sofrem) esse tipo de preconceito.

## **2.2 Crítica sociológica**

Na literatura, estas tensões vivenciadas na sociedade tendem a ser representadas pelo olhar peculiar e original do autor, que de forma inconsciente constitui sua obra com aspectos das suas vivências sociais. Trazendo para um estudo teórico do caso, as pesquisas nesta área visam identificar as várias relações existentes entre o meio e suas representações nas obras. Como afirma Candido em seu prefácio:

Os estudos deste livro (cuja primeira edição é de 1965) procuram focalizar vários níveis da correlação entre literatura e sociedade, evitando o ponto de vista mais usual, que se pode qualificar de paralelístico, pois consiste essencialmente em mostrar, de um lado, os aspectos sociais e, de outro, a sua ocorrência nas obras, sem chegar ao conhecimento de uma efetiva interpenetração. (CANDIDO, 2000, p. 01)

Como toda obra literária, as interpretações de um dado texto nunca podem ser fechadas, sendo que as características linguísticas e sociológicas frequentemente possuem um valor atemporal. Os estudos voltados para questões sociais na literatura, privilegiam a relação desses aspectos nas obras literárias, mas sem fechar ou qualificar o valor e análise de uma obra apenas por essas duas características e,

dessa forma, pesquisar não só os acontecimentos sociais e sua representação nas obras.

Assim, entende-se que os estudos devem voltar-se para a análise dos diferentes tipos de relação presentes na obra, pesquisando em variados níveis e de maneira específica os acontecimentos sociais e suas representações no texto. Ressalta-se os níveis dessa relação e a forma como essa representação está ligada ao contexto retratado, bem como o período de produção, mostrando que estudos sociológicos na literatura abrangem uma grande quantidade de aspectos além da relação referida acima.

Outro ponto interessante, centra-se na grande quantidade de disciplinas que devem ser diferenciadas e consideradas para os estudos críticos sociológicos na literatura, além da quebra de paradigmas de análise como: a literatura é a representação do real. Desse modo, os fatores externos da obra frequentemente não são considerados ou analisados como representação social de uma determinada época, focando apenas como ferramenta situacional. De acordo com Candido:

Quando fazemos uma análise desse tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situa-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. (CANDIDO, 2000, p. 07)

Diante do que foi exposto, entendemos que o contexto social não deve ser analisado pela crítica social apenas como uma fonte para situar o leitor sobre a obra, suas características e a época de produção ou representação de algo fechado e exposto, mas como aspecto intrínseco da obra, que elucida o tipo de escrita usado na construção texto. Assim, os elementos sociais externos podem vir a se tornar internos em determinadas obras, cabendo a crítica sociológica estudar de que forma o social influencia na obra.

Candido (2000) em *Literatura e sociedade*, elenca alguns tipos de modalidades de análise sociológica na literatura, ressaltando o caráter teórico para os estudos históricos sociológicos da literatura. O primeiro deles visa relacionar os aspectos de forma separada com as condições sociais de produção e representação. “Um primeiro tipo seria formado por trabalhos que procuram relacionar o conjunto de uma literatura, um período, um gênero, com condições sociais [...]” (CANDIDO, 2000, p. 10). Com

isso, esse método interessa-se por analisar de forma distinta os múltiplos aspectos e definir uma relação geral para compreender os aspectos temporais e sociais da época.

O segundo método ao qual Candido (2000) ressalta em sua obra, consiste na representação da realidade social pela obra, que tomemos como exemplo *Clara dos Anjos* (2013) de Lima Barreto, que fornece um vasto campo para essa modalidade de pesquisa. “Um segundo poderia ser formado pelos estudos que procuram verificar a medida em que as obras espelham ou representam a sociedade, descrevendo os seus vários aspectos [...]” (CANDIDO, 2000, p. 11). Assim, esta forma de pesquisa repousa na tradicional premissa da representação social da realidade pela obra literária, fazendo ligações interpretativas entre a obra e sociedade. Vale ressaltar que essas formas de pesquisa são direcionadas para a análise social, pois não se aplica aos estudos da crítica sociológica.

Em *Clara dos Anjos* de Lima Barreto, o método citado acima seria indispensável para teoria sociológica na literatura, tendo em vista que os objetivos principais estariam na representação e espelho da realidade apresentados pela personagem principal Clara. Desse modo, a análise do preconceito social sofridas pela referida personagem, bem como os condicionantes que impulsionam as discriminações sofridas por ela, não poderiam ser estudadas sem considerar a representação literária do real. Ressalta-se também o aspecto bibliográfico do autor (Lima Barreto), que assim como as teorias sociológicas trazem em primeira mão, a realidade refletida em *Clara dos Anjos*, é abordada na escrita do autor como representação da realidade.

Já a terceira teoria esclarecida por Candido (2000) em *Literatura e sociedade*, volta-se mais para o viés da sociologia, considerando que todo texto literário e não literário tem como objetivo atingir o seu público alvo. Partindo desse pressuposto, entende-se que a relação entre a literatura e a sociedade tem como base a ação de um sobre o outro, como podemos observar na seguinte citação:

Se este segundo tipo tende mais à sociologia elementar do que à crítica literária, o terceiro é apenas sociologia, e muito mais coerente, consistindo no estudo da relação entre a obra e o público, isto é, o seu destino a sua aceitação, a ação recíproca de ambos. [...] (CANDIDO, 2000, p. 11)

A sociologia em si possui por definição os estudos das relações humanas em sociedade, bem como suas instituições, o terceiro método embasa-se na relação da obra com seu público, considerando as escolhas de escritas para atingir o objetivo

destinado a determinados leitores. Diante disso, realiza-se durante esse tipo de estudo uma pesquisa voltada para as ações de reciprocidade.

O papel do escritor na sociedade contribui diretamente para a produção de seu texto, tendo em vista que seu contato com meio irá moldar sua construção ideológica que de forma inconsciente ou consciente irá representar traços na obra. Candido aborda o quarto tipo como método pertencente a área da sociologia:

Ainda quase exclusivamente dentro da sociologia se situa o quarto tipo, que estuda a função e posição social do escritor, procurando relacionar a sua posição com a natureza da sua produção e ambas com a organização da sociedade. [...] (CANDIDO, 2000, p. 11)

Como afirma o autor acima, esse quarto tipo volta-se para o estudo da relação entre a posição social do escritor, a natureza de sua obra e a organização da sociedade vivenciada. Assim, entende-se que a construção ideológica sofre interferência tanto da sua posição social como da própria sociedade em que o autor está inserido, refletindo diretamente na sua produção, que deve ser analisada considerando a relação com a sociedade representada.

O quinto método abordado por Candido em *Literatura e Sociedade*, relaciona-se diretamente com o anterior, destinando um foco mais direcionado para a função política da obra. “Desdobramento do anterior é o quinto tipo, que investiga a função política das obras e dos autores, em geral com intuito ideológico marcado [...]”. (CANDIDO, 2000, p. 11). Neste caso, os estudos focam na “bandeira” abordada na obra, bem como sua posição diante das questões sociais que constituem a narrativa, que refletem diretamente o posicionamento do autor, assim como suas raízes ideológicas.

Finalizando os métodos sociológicos na literatura, fixa-se o sexto tipo de maneira indispensável, visto que se volta para o estudo das possíveis origens das obras. “Lembremos, finalmente, um sexto tipo, voltado para investigação hipotética das origens, seja da literatura em geral, seja de determinados gêneros [...]”. (CANDIDO, 2000, p. 12). O autor ressalta a importância do conhecimento das origens das obras, não apenas enquanto do gênero específico, mas como do caráter literário que constitui e representa a obra, sendo extremamente importante para compreensão e interpretação do texto.

Candido (2000) em *Literatura e sociedade*, elenca os seis tipos de métodos para estudar o viés sociológico na literatura, mas o autor chama atenção para o fato

de que os métodos em questão não podem ser estudados como crítica sociológica em literatura. Assim, o autor afirma que:

Todas estas modalidades, e suas numerosas variantes são legítimas e, quando bem conduzidas, fecundas, na medida que as tomarmos, não como crítica, mas como teoria e história sociológica da literatura, ou como sociologia da literatura, embora algumas delas satisfaçam as exigências próprias do crítico. Em todas nota-se o deslocamento de interesse da obra para os elementos sociais que formam a sua matéria, para as circunstâncias do meio que influíram na sua elaboração, ou para sua função na sociedade. (CANDIDO, 2000, p. 11-12)

A crítica sociológica na literatura volta-se para uma análise detalhada e específica de fatores sociais (externos) que agem diretamente na construção estética (interna) do texto, não atribuindo as questões sociais como condicionantes a meras interpretações da obra, mas ao mesmo tempo sem descartá-las. Assim, visa considerar tanto aspectos sociais como individuais do autor para formação e escolha estrutural do texto, tendo em vista que as características externas agregam conteúdo ao autor, assim como o mesmo possui essencialmente características autônomas inerentes de sua própria natureza, fazendo com que escolha determinado tipo de escrita em detrimento de outra. Lima vem dizer que:

Pela nomeação destas vantagens e desvantagens se verifica que o ideal será conjugar a informação sociológica sobre o contexto histórico com um conhecimento preciso do estatuto do discurso analisado, para que assim se escape quer da tendência de ver a obra como “ilustração” de certa força social, quer da tendência estetizante oposta, na qual vigora um hiato hierarquizante entre o contexto, elemento da ambiência da obra, e o texto, a ser iminentemente indagado. (LIMA, 2002, p. 130)

Lima (2002) elenca algumas vantagens e desvantagens de estudos sociológicos e da crítica sociológica na literatura, afirmando que ambas possuem um papel importante. Os estudos sociológicos situam o leitor na época retratada e da produção da obra, bem como a análise crítica dos fundamentos estéticos utilizados que podem ou não dialogar com seu contexto, cabendo ao leitor fazer uso de ambas para compreender os condicionantes que compõem o texto e assim extrair os verdadeiros sentidos da arte. Dessa forma, o estudo sociológico estrito da obra literária tem como base ilustrativa aspectos sociais, visto que pouco considera o valor estético da obra em si, cabendo a crítica sociológica considerar esses focos de pesquisa.

Como todo e qualquer processo comunicativo, é necessário para efetivação do ato, o emissor ao qual transmite a mensagem, o canal que se configura no meio utilizado para transmissão da informação e o alvo, que é a quem se direciona a mensagem. A obra literária também é constituída de uma tríade em sua base, para que possa se efetivar uma comunicação artística. Candido enfatiza que:

Este ponto de vista leva a investigar a maneira por que são condicionados socialmente os referidos elementos, que são também os três momentos indissolúvelmente ligados da produção, que se traduzem, no caso da comunicação artística, como *autor, obra, público*. A atuação dos fatores sociais varia conforme a arte considerada e a orientação geral a que obedecem às obras. Estas – de um ponto de vista sociológico – podem divide-se em dois grupos, dando lugar ao que chamaríamos dois tipos de arte, sobretudo de literatura, e que sugiro para fixar as idéias em vista da discussão subsequente, não com o intuito de estabelecer uma distinção categórica: arte de agregação e arte de segregação. (CANDIDO, 2000, p. 22-23)

Como o autor afirma, a arte visa a comunicação por meio da expressividade, tendo em sua base a relação entre autor, obra e público, podendo vir a representar o social na medida em que o autor está ligado a sua realidade vivenciada, assim como a obra com suas ideias condizendo com fatos reais em níveis específicos, e do seu público alvo que é pensado desde a fase de criação. Vale salientar os aspectos variáveis das obras literárias, podendo dividir-se em arte de agregação, que consiste na produção de uma obra com características existentes em um grupo social, visando a aceitação e incorporação, ou seja, objetiva captar conhecimentos grupais e construir a obra com conteúdos adaptáveis ao meio, e a arte de segregação, que consiste na inovação da arte, utilizando novos recursos expressivos com tendência a ter pouca aceitação a princípio, tendo em vista que há uma quebra no fluxo social.

Ressalta-se o caráter artístico do autor, que produz sua obra através de um olhar clínico e crítico do social, transformando-o de forma autoral, reforçando com aspectos estéticos que estão atribuídos à obra. Diante disso, o escritor não apenas reproduz a realidade, mas introduz o seu valor estético diante dos condicionantes sociais tratadas e vivenciados, sabendo que em sua constituição o escritor sofre influência do seu meio, mas não apenas sofre, ele atua de forma criativa e própria. Candido fala sobre a posição social do autor:

A posição social é um aspecto da estrutura da sociedade. No caso, importa averiguar como esta atribui um papel específico ao criador de

arte, e como define a sua posição na escala social; o que envolve não apenas o artista individualmente, mas a formação de grupos de artistas. Daí sermos levados a indicar sucessivamente o aparecimento individual do artista na sociedade como posição e papel configurados; em seguida, as condições em que se diferenciam os grupos de artistas; finalmente, como tais grupos se apresentam nas sociedades estratificadas. (CANDIDO, 2000, p. 22)

Para Candido (2000), o artista enquanto sujeito inserido em um grupo social, sendo influenciado por seu meio e agindo nele, produz sua obra com características e valores sociais, mas não se deve atribuir à obra apenas a criação coletiva. O autor enquanto artista pertencente a uma escala social e, que, automaticamente separe-se de pessoas pertencentes a outras escalas, é individual, bem como os aspectos artísticos autorais que o diferenciam de outros autores. Diante disso, compreende-se que o resultado final de uma obra não pode ser classificado como fruto social ou individual, mas como consequência dessa relação que está na base de uma produção artística.

Focando na construção da obra, que sofre ação direta da posição e condição social do autor, tendo em vista que esses condicionantes interferem diretamente no conteúdo e estrutura do texto. Assim, torna-se impossível desassociar as construções ideológicas do artista da sua produção, que por sua vez tem suas modalidades de escritas escolhidas e impulsionadas indiretamente pela posição social do autor, visto que sua atuação na sociedade se dá por meio de escolhas de textos comunicativos que refletem em suas criações. Candido vem falar que:

Tanto quanto os valores, as técnicas de comunicação de que a sociedade dispõe influem na obra, sobretudo na forma, e, através dela, nas suas possibilidades de atuação no meio. Estas técnicas podem ser imateriais – como o estribilho das canções, destinadas a ferir a atenção e gravar-se na memória; ou podem associa-se a objetos materiais, como o livro, um instrumento musical, uma tela. (CANDIDO, 2000, p. 27)

A constituição de uma obra literária enquanto fator interno, liga-se diretamente com o fator externo, podendo vir a transforma-se um no outro dependendo dessa relação, considerando que a organização do nível técnico na obra pode variar de acordo com os tipos de códigos utilizados no grupo social, assim como a atuação do autor na sociedade. Diante disso, a forma do texto sofre influências do grupo social e desenvolve sua amplitude de alcance para atingir a mesma sociedade. As técnicas de

escritas podem vir a ser imateriais, fazendo uso do sistema mental de símbolos compartilhados ou matérias por meio da representação gráfica da escrita.

Finalizando a tríade, temos o público, que sofreu modificações com o passar do tempo em relação as manifestações artísticas, visto que no início das expressões, ainda de forma primitiva, o autor criava e executava diretamente com seu público, considerando como veículo comunicativo a oralidade. Com a evolução das comunidades sociais e o desenvolvimento da escrita, permitiu-se ao artista criar a obra situada em questões sociais e temporais que poderiam ser lidas e interpretadas por um público de outra comunidade ou época, fazendo com o contato entre autor e público tivesse tendência a se modificar, refletindo diretamente na construção da obra. Como diz Candido:

[...] A sociedade, com efeito, traça normas por vezes titânicas para o amador da arte, e muito do que jugamos reação espontânea da nossa sensibilidade é, de fato, conformidade automática aos padrões. Embora essa verificação fira a nossa vaidade, o certo é que muito poucos entre nós seriam capazes de manifestar um juízo de valor livre de injunções diretas do meio em que vivemos. (CANDIDO, 2000, p. 32)

Atualmente, a sociedade de modo geral sofre grandes influências de valores que são padronizados, convencionando de forma inconsciente os integrantes, fazendo com que os “gostos” artísticos sejam moldados, tornando-se difícil desenvolver um senso crítico próprio e particular, visto que sofrem ação do meio social. Em consequência disso, os autores acompanham o fluxo, adaptando e transformando suas obras para que sejam consumidas pelo público. Salienta-se ainda, que o consumidor de uma obra artística também traz consigo elementos próprios que dialogam com a da obra, e é nessa relação que se configura o sentido artístico do texto.

### 3 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO OPRIMIDO

#### 3.1 A construção da personagem na narrativa

É sabido que a sociedade brasileira possui um longo histórico de discriminação entre classes, introduzidas desde o período colonial. Partindo desse pressuposto, nota-se a “tradição” da distinção enraizada culturalmente, passando de geração para geração, havendo sempre a manutenção do ciclo. Ressalta-se o caráter heterogêneo da sociedade brasileira, servindo como princípio para entendermos de forma prévia como esse preconceito ocorre de forma tão corriqueira.

Lima Barreto foi um dos poucos autores mestiços a ser considerado digno de ser estudado e pertencer ao cânone literário brasileiro. Outro fato interessante é que, além do autor ter feito parte de uma classe social excluída e desvalorizada, também havia sido internado em um hospício algumas vezes, convivendo com loucos e esquecidos, o que desencadeou ainda mais seu senso crítico para uma literatura que retratasse os abandonos da sociedade.

O foco desse estudo situa-se na obra *Clara dos Anjos* (2013) de Lima Barreto, uma narrativa com todos os “ingredientes” de uma literatura voltada para crítica social, escrita por um autor mestiço e de classe média baixa residente dos subúrbios do Rio de Janeiro. Diante disso, o espaço em que se desenvolve o enredo localiza-se na capital carioca, expondo de maneira clara e objetiva os dramas de uma moça mestiça, pobre e com pouco acesso à informação, que é ludibriada por um charlatão com lábia evoluída dos seus contatos interacionais com pessoas de classes diversificadas.

A obra possui onze capítulos e inicia-se com o narrador apresentando Joaquim dos Anjos, o pai de Clara, a *posteriori* descreve o subúrbio do Rio de Janeiro, principal espaço da obra, em sequência ocorre a descrição de alguns amigos de Joaquim, assim como a viúva Dona Margarida e a mãe de Clara. O segundo capítulo inicia indagando quem seria Cassi Jones, o antagonista da narrativa que muda totalmente o rumo da família de Clara. A narrativa possui um foco na abordagem das discriminações sociais reforçadas pelo preconceito racial sofrido por Clara, explicitando de maneira reveladora as estruturas sociais e culturais da sociedade da época. Como podemos analisar nesse fragmento de Barreto (2013):

A única filha do carteiro, Clara, fora criada com o recato e mimos que, na sua condição, talvez lhe fossem prejudiciais. Puxava a ambos os pais. O carteiro era pardo-claro, mas com cabelo ruim, como diz; a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso. (BARRETO, 2013, p. 30)

A personagem é inserida e caracterizada na narrativa pelo escritor como elemento representativo de uma “massa” de pessoas pertencentes a classes desfavorecidas que necessitam conviver com a exclusão e discriminação social e racial. Partindo desse pressuposto, nota-se que a personagem foi criada na narrativa com mimos e cuidados por seus pais, que claramente demonstravam ter uma maior consciência da condição social que ocupavam na sociedade da época, desencadeando um comportamento protetivo reforçados pelos paradigmas sociais com a figura feminina, mas o autor logo de início chama atenção para os possíveis pontos negativos da proteção exacerbada realizada pelos pais de Clara, que com o contato limitado com o seu meio social, a condicionava a não desenvolver-se o suficiente para proteger-se e adaptar-se à sociedade. Outro ponto interessante está na colocação de Clara como miscigenada, assim como seus pais.

Focando na produção, tomemos como base os estudos de Gancho (2010), que ressalta a importância da compreensão dos tipos de narrativa e da tipologia usada na produção da obra, bem como o reflexo dessa organização estrutural em consonância com o conteúdo do gênero textual romance, assim como a análise de sua funcionalidade. Importante salientar o foco nos estudos da personagem principal *Clara* inserida na obra, abarcando o contexto de produção e representação da realidade. Gancho diz que:

A personagem ou o personagem é um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação. Por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais. (GANCHO, 2010, p. 10)

Como Gancho (2010) enfatiza no fragmento acima, é necessário estudar a ficção construída através da personagem, sua colocação e papel no enredo da obra, bem como a relação entre a invenção e realidade. Deste modo, a análise deve ser de forma minuciosa, visando compreender a retração das condições e pessoas reais que a personagem *Clara* representa. Também se enfatiza a importância de um olhar para a inserção da personagem em um ambiente e espaço que dialogam e contribuem para

construção da significação por meio da obra, mostrando a genialidade denunciadora do autor.

Ressalta-se como os aspectos externos representados na obra compõem e transformam-se em características internas, fazendo com que esses elementos não apenas sejam representados, mas façam parte da construção estética do texto. Soibet chama atenção para os condicionantes que impulsionaram as construções dos subúrbios ao redor dos grandes centros representados no espaço da obra *Clara dos Anjos*:

Em relação ao Rio de Janeiro, face ao seu estatuto de capital da República e cidade mais populosa do Brasil, urgia acelerar o seu projeto de modernização, tornando-a cartão de visitas do progresso alcançado por todo o país. A derrubada dos cortiços das áreas do centro afigura-se como indispensável, inclusive, porque eram considerados focos de epidemias que, periodicamente, infestavam a cidade. A medicina e os interesses econômicos uniram-se no propósito de transformar a velha cidade numa metrópole moderna que deveria atrair capitais e homens estrangeiros. (SOIBET, 2012, p. 364)

O contexto histórico do final do século XIX e início do século XX no Brasil, foi marcado pelo crescimento dos grandes centros, que influenciados por modelos europeus, buscava-se a modernização das grandes cidades favorecendo o desenvolvimento econômico. Em contrapartida, necessitava-se de mão de obra para trabalhar na indústria, que na sua maioria, tinha suas vagas ocupadas por negros, miscigenados e imigrantes. Diante disso, formava-se os subúrbios ao redor dos grandes centros, sendo ocupado pela classe baixa que não tinham condições econômicas suficientes para morar em bairros melhores da capital carioca, mas precisavam residir o mais próximo possível do trabalho.

A distinção entre classes é retratada de maneira realista na obra *Clara dos Anjos*, desenvolvendo-se a narrativa em um espaço e ambiente urbano da periferia do Rio de Janeiro, representando com singularidade o contexto da época. O subúrbio onde habitava Clara com sua família, não tinha saneamento básico ou planejamento habitacional, proporcionando a proliferação de doenças sempre atribuídas as periferias, mesmo que não tivessem origens nesses bairros. Nota-se a descrição minuciosa das residências dos subúrbios feitas por Lima Barreto em *Clara dos Anjos* (2013):

Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato. (BARRETO, 2013, p. 56)

No trecho em questão, é possível notar a fragilidade com que eram feitas as residências dos subúrbios, retratando não só os materiais utilizados na construção, mas os espaços escolhidos sem planejamento para as moradias. Outro ponto interessante, localiza-se na reutilização de materiais recicláveis e naturais encontrados pelos moradores para edificação de seus leitos. Assim, constatamos que as condições econômicas dos residentes dessas áreas periféricas eram relativamente baixas, ligando-se diretamente as posições sociais de pouco prestígio ocupadas pelos moradores na sociedade capitalista representada na obra.

Enfatiza-se a fragilidade das casas e daquela porção da população sem direito à moradia digna, pessoas entregues à própria sorte. A captação das vivências do autor, que mestiço, pobre e residente de lugares pouco valorizados na cidade, conseguindo abstrair de seus contatos com o meio os aspectos e relações sociais de maneira ímpar e colocar em sua obra. Torna-se importante destacar a genialidade do autor em inserir a personagem principal em um espaço que dialoga diretamente com as condições sociais da personagem, mostrando a fragilidade de suas residências como espelho do desamparo social sofrido por seus moradores.

Outro foco de visualização que merece atenção, situa-se nas escolhas diversificadas de signos linguísticos para representar as residências, utilizando até mesmo do diminutivo. Assim, torna-se relevante a ideia de que o autor viveu inserido nesse meio, sofrendo influência da linguagem usada por essas comunidades linguísticas e sociais, bem como o fato do criador da obra buscar atingir e fazer com que se identifique um maior número de leitores.

A inserção da personagem principal na narrativa, reflete diretamente o contexto social vivenciados pela figura feminina no final do século XIX e início do século XX. Salienta-se também os paradigmas sociais machistas e autoritários que limitavam a mulher a um regime domiciliar, sendo apenas dona de casa e responsável pela criação dos filhos. Soibet chama atenção para:

A rua simbolizava um espaço do desvio, das tentações, devendo as mães pobres, segundo os médicos e juristas, exercer vigilância constante sobre suas filhas, nesses novos tempos de preocupação

com a moralidade como indicação de progresso e civilização. Essa exigência afigurava-se impossível de ser cumprida pelas mulheres pobres que precisavam trabalhar e que para isso deviam sair às ruas à procura de possibilidades de sobrevivência. [...] (SOIBET, 2012, p. 365)

A autora enfatiza acima o crescimento dos grandes centros e o progresso nas civilizações, com esse avanço, necessitou-se de um maior número de pessoas para trabalharem no meio industrial, o que ocasionou de certa forma uma dificuldade das classes dominantes em controlar massas populacionais, tendo em vista que na medida que se estende o poder, automaticamente dificulta-se a manutenção do poder. Diante disso, a burguesia implantava uma série de costumes e comportamentos sociais a serem seguidos para controlar as classes desfavorecidas.

As ruas das grandes cidades representavam um lugar perigoso para as mulheres, cabendo apenas aos homens a circulação contínua, sendo que mulheres encontradas frequentemente nesses ambientes urbanos, seriam taxadas automaticamente como meretrizes. Lima Barreto, insere Clara na obra abstraindo vários aspectos exteriores do meio social, transformando de forma autoral em um ambiente e espaço interior de sua obra, refletindo as condições de uma mulher mestiça pobre e residente dos subúrbios dos grandes centros. Barreto:

Essa era tratada pelos seus pais como muito desvelo, recato e carinho; e, a não ser com a mãe ou o pai, só saía com Dona Margarida, uma viúva muito séria, que morava na vizinhança e ensinava a Clara bordados e costuras. No mais, isto era raro e só acontecia aos domingos, Clara deixava, às vezes, a casa paterna, para ir ao cinema do Méier ou Engenho de Dentro, quando a sua professora de costuras se prestava a acompanhá-la, porque Joaquim não se prestava, pois não gostava de sair aos domingos, dia escolhido a fim de se entregar ao seu prazer predileto de jogar o solo com os companheiros habituais; e sua mulher não só não gostava de sair aos domingos, como em outro dia da semana qualquer. Era sedentária e caseira. (BARRETO, 2013, p. 09)

*A priori*, o autor insere Clara na obra apresentando seus pais e as pessoas com quem sua família tem contato, logo depois, descreve com riqueza de detalhes o espaço e ambiente que a família da personagem principal vivência, criando contatos restritos, carentes de pessoas com desenvolvimento crítico e educacional avançado. Com isso, percebemos o reflexo das condições sociais impostas à mulher durante esse período no Brasil, bem como a manutenção desses costumes pelos pais da

personagem que tentam protegê-la o máximo possível dos males que o mundo a sua volta representava.

Os moradores dos subúrbios do Rio de Janeiro eram pertencentes em sua maioria a classe sociais baixas, que eram moldadas e dependiam das classes dominantes, assim como o sistema vigente no país da época e a construção cultural brasileira. No fragmento em questão, é possível notar o cuidado com que a imagem perante a sociedade eram consideradas importantes, mostrando que Clara só saía de sua casa acompanhada de seus pais ou de Dona Margarida, viúva que era conhecida por ter muito respeito. Percebemos a construção da personagem principal em um ambiente desprovido de contatos sociais diversificados e de uma educação qualificada, sendo exposta apenas as condições que sua classe teria acesso, a impedindo de obter e desenvolver um senso crítico avançado.

Outro foco que merece ressalva, encontra-se nas atividades realizadas pelas mulheres expostas no fragmento, os ensinamentos de costura realizados por Dona Margarida a Clara, e a colocação de sua mãe como sedentária e caseira. É possível compreender como a representatividade de atividades restritas ao ambiente familiar eram comuns para época, tornando-se características estéticas internas do texto, fazendo com que sua construção não apenas represente, mas também ocasione críticas e denúncias organizadas na obra de forma literária por meio de uma linguagem simples e direta.

A linguagem simples utilizada na obra *Clara dos Anjos* (2013) diz muito sobre Lima Barreto, de seu olhar peculiar em fazer um recorte temporal na história da sociedade brasileira, abordando em um romance social uma sequência de acontecimentos organizados de forma didática para representar o real. Bosi enfatiza as características realistas e intencionais de suas obras:

Nessa perspectiva, as realidades sociais, isto é, o conteúdo pré-romanesco, embora escolhidas e elaboradas pelo *ponto de vista* afetivo e polêmico do narrador, não parecem, de modo algum, forçados a ilustrar inclinações puramente subjetivas. O resultado é um estilo ao mesmo tempo *realista e intencional*, cujo limite inferior é a crônica. (BOSI, 2017, p. 340)

Podemos visualizar na escrita de Lima Barreto sua raízes jornalísticas, com texto simples, objetivos e curtos, que lembram as estrutura de crônicas. Seu compromisso com a representação da realidade é um dos seus aspectos mais perceptíveis a primeira vista, que dialoga diretamente com os objetivos de denúncia e

crítica aos diferentes tratamentos entre classes, visando atingir um maior público. Outro ponto relevante, está na escolha de temáticas pessoais de suas vivências, mas que o autor de modo peculiar não demonstra sua subjetividade durante a narração e construção da obra.

Salienta-se ainda a organização da obra *Clara dos Anjos* (2013), em que o autor inicia inserindo o pai de Clara na narrativa, descrevendo suas características e hábitos com dedicação, mas pouco descreve-se sobre Engrácia a mãe de Clara, e o pouco que descreve, só vem a *posteriori* de Joaquim. Logo no princípio do livro, o autor já disponibiliza um leque de interpretações sobre a construção da estrutura da obra, dando ênfase ao pai de Clara e só na sequência fala de Engrácia com sua descrição de forma sucinta.

Diante disso, percebe-se a crítica direcionada as relações sociais de tratamento entre homens e mulheres, representando a figura feminina em segundo plano, sempre submissa ao homem. Ressalta-se ainda o caráter amorfo e passivo de Engrácia, seguindo as exigências sociais da época, sendo colocada na narrativa apenas como uma dona de casa. Interessante salientar também a relação de influência e construção ideológica passadas para Clara, vindo a ser sonhadora, mas ingênua, pobre e mestiça, condicionates suficientes para sofrer distinção na época.

Falar da colocação da personagem principal Clara na obra *Clara dos Anjos* (2013) sem citar o antagonista da narrativa, acarretaria notáveis prejuízos para compreensão e interpretação do livro. Cassi Jones, é apresentado logo no segundo capítulo, desenvolvendo um papel determinante no desenrolar do enredo e na construção da personam na obra. Barreto o apresenta:

Cassi Jones de Azevedo era filho legítimo de Manuel Borges de Azevedo e Salustina Baeta de Azevedo. O Jones é que ninguém sabia explicar onde ele fora buscar, mas usava-o, desde os vinte e um anos, talvez, conforme explicaram alguns, por achar bonito o apelido inglês. O certo, porém, não era isso. A mãe, nas suas crises de vaidade, dizia-se descendente de um fantástico Lord Jones, que fora cônsul da Inglaterra, em Santa Catarina; e o filho julgou de bom gosto britanizar a firma com o nome do seu problemático e fidalgo avô. (BARRETO, 2013, p. 13)

Cassi Jones é colocado na narrativa como um charlatão e mal caráter, residente também dos subúrbios do Rio de Janeiro, mas morava em uma casa considerada nobre para o bairro. É notável salientar a figura oposta de Clara colocada no antagonista, que possui como uma das poucas características semelhantes, morar

no subúrbio, mas as semelhanças param por aí, Cassi era um jovem vivo, tendo tido vários contatos com pessoas de classes diferentes, abstraindo de suas vivências lábia suficiente para enganar mocinhas mulatas, pobres e ingênuas como Clara. Saliante-se a crítica que o autor faz ao olhar da sociedade brasileira sobre a mulher negra, sendo vista apenas como um corpo a ser explorado para satisfazer os desejos masculinos.

Pois bem, enganar jovens pobres e mulatas é atribuído a Cassi Jones como especialidade, chegando a ser preso por cometer suas perversidades, mas que rapidamente é solto sobre proteção de sua mãe Salustiana. Nota-se na personagem do antagonista criado por Lima Barreto a figura do malandro, típico do Rio de Janeiro que tenta vencer na vida a todo custo, adaptando-se ao meio em que vive e dando sequência ao ciclo de reproduzir a opressão que sofrera. Cassi é inserido na obra para dar ênfase à inocência de Clara, que facilmente é enganada pela sua retórica evoluída.

No fragmento em questão, visualiza-se a crítica feita pelo autor à europeização das cidades brasileiras, mostrando na pessoa de Cassi a valorização e influências estrangeiras existentes nos grandes centros. Em contrapartida, ocorre o esquecimento e desprezo ao povo brasileiro pertencente à classe pobre que reside nos arredores das grandes cidades. O trecho também representa a valorização do capital e da imagem, sendo que, mesmo residindo em um ambiente de pobreza, sonhavam em sair para um bairro melhor, mostrando o desejo das classes pobres em vencer na vida e incorporassem as classes dominantes.

Outro ponto interessante, situa-se na ironia exposta pelo autor em relação ao sobrenome de Cassi, abordando na narrativa a hipocrisia humana com suas vaidades e desejos, frutos de um sistema capitalista opressor. O antagonista da narrativa no plano interno da obra muda diretamente os rumos da vida de Clara, que após o encontro entre ambos no aniversário de Clara, ele a ludibria facilmente apesar dos constantes avisos de do seu padrinho Marramaque.

### **3.2 A discriminação social**

A criação da personagem em uma obra literária engloba uma série de fatores e condicionantes que dialogam para sua construção, isto é, indo além da própria definição, visualização ou classificação da personagem. Assim, sua criação não pode

ser considerada mera ficção, haja visto as condições em que autor utilizou para relacionar com a representação do real, para que assim possa haver a verossimilhança. Wood esclarece que:

Podemos saber muitas coisas sobre um personagem pela maneira como ele fala, e com quem fala – como ele lida com o mundo. As pessoas, disse Edith Wharton, são como a casa dos outros: só conhecemos delas aquilo que se limita com a nossa. Digamos que o homem com as calças desleixadas entre numa sala onde há um homem e uma mulher. Ele fala primeiro com a mulher e ignora o homem. Ah, dizemos, então ele é daquele tipo. Mas aí o romancista comenta que a mulher com quem ele fala não tem absolutamente nenhum atrativo. E de súbito a capacidade extraordinária do romance se manifesta: ao contrário do cinema, por exemplo, o romance pode nos revelar o que pensa um personagem. [...] (WOOD, 2017, p. 57)

A construção de uma personagem no gênero romance, permite uma interpretação diversificada que contribui diretamente para o deleite literário da obra, fazendo despertar no leitor caminhos alternativos para visualização fictícia da personagem. O trecho enfatiza o privilégio do gênero romance em relação a exposição dos pensamentos dos personagens, bem como seus discursos e relações com outras personagens que compõe a narrativa. Ressalta-se todos os operadores da narrativa em consonância, assim como o modo que nos é apresentado, considerando a representatividade da personagem com ato momentâneo do leitor.

Na obra *Clara dos Anjos*, a personagem principal é inserida sob uma gama de fatores que contribuem para que ela sofra preconceito, tendo como base para sua compreensão o contexto histórico que a narrativa representa. Vale salientar como ocorre a transposição do exterior para o interior da obra, levando em consideração que a personagem não apenas representa a realidade sofrida por pessoas pobres, mas como a personagem no plano interno da obra sofre esse preconceito. Barreto:

Clara era uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mão fortes que a modelassem e fixassem. Seus pais não seriam capazes disso. A mãe não tinha caráter no bom sentido, para o fazer; limitava-se a vgiá-la caninamente; e o pai, devido aos seus afazeres, passava maioria do tempo longe dela. E ela vivia toda entregue a um sonho lânguido de modianhas e descantes, entoados por sestrosos cantores, como o tal Cassi e outros exploradores da morbidez do violão. (BARRETO, 2013, p. 72)

O trecho da obra acima exemplifica a inserção de Clara na narrativa, em um ambiente familiar que não favorecia o seu desenvolvimento, mostrando a relação criada

com seus pais, que assim como Clara, não tinham condições sociais e intelectuais para fornecer a criação necessária. Dessa forma, condiciona a personagem a desenvolver seu imaginário ingênuo, iludindo-se facilmente por especialista em modinhas musicais que eram sucesso na época e que a pobre moça tinha acesso. Ressalta-se que a personagem principal apesar de mestiça, é privilegiada por receber o nome de Clara, assim como os cuidados em sua criação, entretanto, sua posição social e o próprio sexo não oferecem privilégios a personagem.

O autor cria na obra *Clara dos Anjos* um enredo a partir de suas vivências e condições sociais da época do Rio de Janeiro, colocando na personagem principal características adquiradas de privações impostas pela sociedade a uma mulher pobre, mulata e residente dos subúrbios cariocas. A superproteção exposta na narrativa demonstra relações idênticas com a realidade, em que o autor capta a partir de experiências individuais e sociais e as transformam para o plano interior da obra, colocando Clara como uma parte de um todo de moças, mulatas e pobres, sem acesso ao conhecimento que são aproveitadas por pessoas de mal caráter.

O drama da pobreza é colocado na narrativa de maneiras diversificadas, facilitando a compreensão das condições as quais pessoas pobres residentes dos arredores da cidade do Rio de Janeiro eram submetidas. Lima Barreto cria a obra introduzindo as condições sociais, o espaço, as relações com que a personagem tem contato e casos anteriores que antecederam ao de Clara, elucidando o caráter coletivo desses acontecimentos. Comprovemos a partir de um diálogo entre Cassi Jones e uma de suas vítimas na obra de Lima Barreto:

Cassi Jones ia atravessando aquele bairro singular e escuro, quando, do fundo de uma tasca, lhe gritam:

—Olá! Olá! “Seu” Cassi! Ó “Seu” cassi!

Insensivelmente, ele parou, para verificar quem o chamava. De dentro da taverna, com passo apressado, veio ao seu encontro uma negra suja, carapinha, desgranhada, com um saco de pente atravessado no alto da cabeça, calçando umas remendadas chinelas de tapete. Estava meio embriagada. Cassi espantou-se com aquele conhecimento; fazendo um ar de contriedade, perguntou amuado:

—Que é que você quer?

A negra, bamboleando, pôs as mãos nas cadeiras e fez com olhar de desafio:

—Então, você não me conhece mais, “seu canaia”? Estão você não “si” lembra da Inês, aquela crioulinha que sua mãe criou... (BARRETO, 2013, p. 95)

O fragmento acima retrata uma passagem da obra em que o antagonista reencontra uma de suas vítimas do passado, que com desprezo, a reconhece momentos depois. A moça em questão teria sido ludibriada por Cassi em sua residência, tendo em vista que teria sido criada por sua mãe (Salustiana). Nota-se as palavras fortes colocadas pelo autor no discurso da pobre moça, simbolizando a falta de instrução com termos pertencentes a linguagem não formal da língua portuguesa, outro aspecto representativo da pobreza.

Ressalta-se a colocação do fator linguístico como ferramenta de dominação na obra, abordando mais uma vez um fator que compõe a prática do preconceito social no livro. A “taverna” colocada por Lima Barreto remonta bares e ambientes dos guetos das cidades, uma consequência das desigualdades sociais retradas na narrativa. Percebe-se os termos colocados pelo autor no narrador da presente obra, indicando claramente um discurso preconceituoso, não apenas com a condição social, mas com a cor de sua pele e o estado de seu corpo.

Nesse aspecto, nota-se a crítica exposta como um reflexo além do autor, tendo em vista a colocação de um discurso preconceituoso e desprezador que Lima Barreto conheceu por meio de suas interações sociais e colocou de forma explícita na obra. O desespero da pobre moça para falar com Cassi Jones e a vida miserável representada por ela, remonta a falta de oportunidades para uma jovem negra que teria tido sua virgindade tirada pelo Cassi, em uma sociedade construída sob o capitalismo e a valorização da imagem.

A pobreza e o preconceito social condicionada pela questão racial é construída lentamente durante o enredo da obra, desde a apresentação dos personagens a descrição da precariedade dos subúrbios do Rio de Janeiro. A denominação da personagem principal com nome de “Clara” mesmo sendo mulata já demonstra indícios de uma irônia a esses tratamentos entre classes. Bosi vem falar que:

O drama da pobreza e do preconceito racial constitui também o núcleo de *Clara dos Anjos*, romance inacabado, vindo à luz postumamente, mas cuja primeira redação remonta a 1904/05, contemporâneo, portanto, das memórias de Isaías Caminha. A proximidade da composição e do tema está a definir a necessidade de expressão autobiográfica em que penava o jovem Lima Barreto. As humilhações do mulato encarna-as Clara dos Anjos, moça pobre de subúrbio, seduzida e desprezada por um rapaz de extração burguesa. Como nas *Recordações*, a ação e os sentimentos não chegam a assumir a espessura de um enredo, esfumando-se aqui em retalhos da vida suburbana, animada de ironia e piedade. (BOSI, 2017, p. 343-344)

O contexto autobiográfico merece destaque nos estudos literários da obra em questão, o autor expõe sua “bandeira” revolucionária e visionária, em criticar os tratamentos praticados na sociedade com a questão racial, e as relações de poder exercidas pelas classes dominantes de forma opressora e exploratória. Especialmente em *Clara dos Anjos*, o autor exterioriza por meio da obra suas ânsias de mudanças no quadro social brasileiro, colocando mais especificamente em Clara os sofrimentos de sua posição social e racial. Nota-se as situações miseráveis de humilhação que Lima Barreto teria sofrido durante sua curta vida, demonstrando em suas obras personagens com destinos praticamente traçados ao sofrimento e rebaixamento perante a pessoas mais “claras” de condições financeiras mais favoráveis. Barreto comprova o sofrimento da personagem principal:

A filha do carteiro, sem fazer a mínima objeção, obedeceu. Ao chegar à casa de Joaquim, Dona Engrácia estava no interior, inocentemente entregue aos seus afazeres domésticos. Entretanto, Dona Margarida chamou de parte a mãe de Clara e começou a narra-lhe o que havia acontecido com a filha. Dona Engrácia não se pôde conter. Logo que compreendeu a gravidade do fato pôs-se a chorar copiosamente, a lastimar-se, a soluçar, dizendo entre um acesso de choro e outro:  
—Mas Clara!...Clara, minha filha!...Meu Deus, meu Deus!  
(BARRETO, 2013, p. 108)

A passagem acima remonta o exato momento em que Clara, acompanhada de sua amiga Dona Margarida, vão a casa de Engrácia para contar sobre a gravidez de sua filha. Diante do fragmento, compreendemos o sofrimento sofrido pelas personagens da obra *Clara dos Anjos*, por meio de atos cometido por pessoas “claras” de condições econômicas diferenciadas contra a personagem principal, que sem ter alternativas, relata o acontecimento a sua mãe, que lamenta-se incessavelmente a desgraça que esse episódio representaria na vida da moça. Indignadas com situação, Dona Margarida, Clara e sua mãe foram a residência de Dona Salustiana mãe de Cassi. Barreto:

—Cansada dessa laia...Qual!...Que diria meu avô, Lord Jones, que foi cônsul da Inglaterra em Santa Catarina — que diria ele, se visse tal vergonha? Qual! Parou um pouco de falar; e, após instantes, aduziu:  
—Engraçado, essas sujeitas! Queixam-se de que abusaram delas... É sempre a mesma cantiga... Por acaso, meu filho as amarra, as amordaça, as ameaças com faca e revólver? Não. A culpa é delas, só delas... (BARRETO, 2013, p. 110)

Percebemos no discurso da mãe de Cassi Jones a concretização verbal do preconceito social condicionados pela questão racial, tendo em vista que Clara era mulata, pobre e agora grávida e abandonada. Desta-se o desprezo com que Dona Salustiana trata Clara, a viúva e sua mãe, atribuindo toda culpa do acontecido a pobre moça sem instrução, salvando a pele de seu filho, que segundo a mãe, não teria culpa de nada, pois não a forçou a fazer nenhum ato. Assim, o autor expõe na personagem da mãe de Cassi, o contexto social preconceituosa brasileiro, em que os negros eram utilizados para satisfação dos brancos.

Vale a pena ressaltar as escolhas dos discursos preconceituoso colocados pelo autor em Dona Salustiana, sem filtros, e condizendo diretamente com a realidade de atos informais e corriqueiros. A questão autobiográfica parece ter-se encarnado em Clara, expondo o sofrimento e humilhação ao qual tivera passado, trazendo na representação da mãe de Cassi as classes dominantes que ignoram e fecham os olhos para o sofrimento de pessoas humildes, alegando com discursos protetores a isenção de culpa e a atribuição ao mais pobre, devido sua condição social. Barreto reitera sobre a questão da condição social exposta na obra:

Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e o vexame que sofrera. Agora é que tinha a noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. Bem fazia adivinhar isso, seu padrinho! Coitado!... (BARRETO, 2013, p. 111)

A passagem remonta o momento em que Clara volta da residência de Dona Salustiana, tendo sofrido vários insultos preconceituosos de forma impiedosa. Entende-se que só a partir desse momento a personagem principal conscientiza-se da condição social que ocupa e da sociedade preconceituosa e elitista que estava inserida. Salienta-se ter sido o primeiro contato direto com as durezas do mundo que a cercava, percebendo que sua humildade e honestidade não eram valorizadas.

Interessante citar o plano interior criado por Lima Barreto para que Clara sofra o preconceito na obra, a estruturação do enredo favorecendo com que a moça crescesse ingênua e facilitasse ser enganada facilmente por algum charlatão. Clara não só representa a realidade de milhares de moças inocentes pobres e mulatas no Brasil, ela representa o próprio autor que sofreu com discriminações, com um sistema que parece ser cego para as “minorias”, uma elite impiedosa que só pensa em

aumentar seus lucros, e, a frustração de enxergar uma sociedade errônea, com única ferramenta encontrada para denunciar e tentar mudar a situação as suas obras. A conscientização da condição social de Clara ainda é reforçada em Barreto (2013):

Num dado momento, Clara ergueu-se da cadeira em que se sentara e abraçou muito fortemente sua mãe, dizendo, com um grande acento de desespero:

—Mamãe! Mamãe!

—Que é minha filha?

—Nós não somos nada nessa vida. (BARRETO, 2013, p 112)

O diálogo acima situa-se no encerramento da obra *Clara dos Anjos* (2013), mostrando o desespero de Clara e de sua mãe após serem vítimas de preconceito social e racial, assim como a visualização de ambas sobre a situação. O fragmento traz a tona o pessimismo do autor sobre a sociedade brasileira, expondo a ideia da necessidade de mudanças aliadas a um entregue desacreditamento, haja visto a consciência da manutenção do ciclo entre as classes, e em consequência disso, a existência continuada de atos discriminatórios.

Diante disso, justifica-se um olhar mais generalizado sobre a produção de Lima Barreto, haja visto os diversos fatores que devem ser considerados. A questão da exploração autobiográfica em consonância com seu perfil autoral literário, sem que sua subjetividade venha a tona, mostra a genialidade do autor. A estruturação de sua obra incluindo os aspectos anteriores e o contexto social histórico representado de forma dialógica durante toda a narrativa, são de caráter ímpar, e para finalizar, o público destinatário de sua produção, pensado cautelosamente desde as escolhas temáticas aos signos linguísticos utilizados.

Outro fator que merece destaque nessa produção de Lima Barreto, é a disposição de personagens diferentes em suas caracterizações, assim como seus pensamentos, discursos e atitudes durante toda a obra, contribuindo para uma ambientação de discordias e diversidades. Entende-se que a colocação desses elementos na narrativa representam a diversidade de classes e o povos brasileiros, bem como uma crítica política e social. Lins vem falar que:

Ao contrário de todos os outros romances, *Clara dos Anjos* não é dominados pelo tema do isolamento. Nele, as personagens agem, fazem agir as demais e modificam-se entre si. A ação calculada e malévola é mesmo o traço dominante de Cassi Jones inculdo Don Juan dos subúrbios destinado a infelicitar Clara dos Anjos. (LINS, 1976, p. 46)

O plano interior da obra é constituído por personagens isoladas em suas características que diante do contato com outros, modificam-se suas funções junto com o enredo da narrativa. O caso de Clara, é exposto uma figura totalmente oposta de Cassi Jones, mas após a interação entre ambos, a pobre jovem tem seu destino modificado na narrativa, assim como Cassi Jones, que apesar das fugas repetitivas já realizadas, sofre influência dos atos realizados com Clara. Vale destacar que ambos pertencem a mesma realidade social que privilegia os homens.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar Lima Barreto implica fazer constantes diálogos entre seu caráter autobiográfico, o contexto social vivenciado e retratado nas narrativas e a construção de suas obras. Temas como a solidão, isolamento, patriotismo, preconceito social e racial na sociedade brasileira são abordados de forma ímpar. Assim, para melhor compreensão da representatividade do preconceito social existente durante o final do século XIX e início do século XX, optou-se por analisar a obra *Clara dos Anjos*, especificamente a personagem principal Clara como figura representativa das discriminações sociais ocorridas durante esse período contra mulheres pobres, mulatas e moradoras de áreas periféricas do Rio de Janeiro.

Diante do que já foi exposto, percebe-se que em *Clara dos Anjos* (2013), o autor insere Clara em um espaço precário dos subúrbios da capital carioca, com uma descrição detalhada para contribuir na construção da personagem principal. A colocação dos personagens com conhecimentos limitados que a pobre moça tem contato, agregam características a sua constituição dentro da obra, assim como a disposição dos personagens de forma oposta, representando a diversidade social, racial e de opinião que existia naquela época.

De acordo com a pesquisa realizada, compreende-se ser necessário uma análise detalhada dos aspectos exteriores representados pela obra, bem como essas características tornando-se interiores e interferindo diretamente no valor estético da narrativa. A disposição da personagem Clara como representação das “minorias” esquecidas e inferiorizadas merece destaque.

A colocação de Clara como uma personagem mulata, pobre, mulher, ingênua e superprotegida pelos pais, que tem seu destino alterado por um personagem branco, esperto e com condições financeiras superiores, reforçam o drama de um todo de pessoas em uma sociedade com uma grande diversidade racial e social. As discriminações sofridas pela personagem na narrativa são feitas de forma coloquial, mostrando o compromisso do autor com a realidade e a preocupação com seu público.

Diante das análises realizadas, compreende-se que o contexto externo é inserido no plano interno da obra, fazendo com que Clara sofra preconceito de forma mais explícita pela mãe de Cassi Jones, que representa a hipocrisia e constituição ideológicas discriminatórias das classes dominantes na sociedade brasileira. Podemos pegar como exemplo o episódio em que dona Salustiana profere um

discurso preconceituoso, chamando a pobre moça de “Negra” e referindo-se a sua classe social como “gente dessa laia”.

Assim, o preconceito social sofrido por Clara e outros personagens são sempre reforçadas por discriminação racial na obra, atribuindo a sua condição social a cor de sua pele. Nota-se também as exigências sociais atribuídas as mulheres na narrativa, criando uma série de fatores interligados de forma intencional que condicionam a opressão sofrida pela personagem principal.

Finalizando, entende-se que a personagem Clara na obra *Clara dos Anjos* (2013) de Lima Barreto representa as classes dominadas, constituída de pessoas pobres e negras da sociedade brasileira, que sem oportunidades de crescimento em uma sociedade capitalista tendem a ser alvos de discriminações sociais. Constata-se assim que a obra não apenas é fruto de experiências sociais do autor, mas surge da relação autobiográfica, do contexto social da época e de seu caráter autoral artístico em colocar por meio de uma escrita leve e fluída críticas e denúncias pesadas que se camuflam na estrutura da narrativa.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Contos consagrados**. 3. Ed. Reform. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- BARRETO, Lima. **Clara dos anjos**. 1ed. São Paulo: DCL, 2013.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 51°. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 8° edição. São Paulo: Editora T. A. Queiroz, 2000.
- GANCHO, C. Villares. **Como analisar narrativas**. 7° edição. São Paulo: Unip, 2010.
- GIL, A. Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6° edição. São Paulo: Editora Atlas S. A, 2008.
- LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. Disponível em: <<http://www.bancodeescola.com/negrinha.htm>> acesso em: 28/08/2019.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- SOIBET, Rachel. **Mulher e família burguesa**. In história das mulheres no Brasil/ Mary Del Priore (org.); 10 ed. São Paulo: Contexto, 2012. (p. 362-400).
- LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura**. São Paulo, Brasiliense, 17 ed. 1995.
- WOOD, James. **Como funciona a ficção**. São Paulo: editora SESI-SP, 2017.
- LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura e suas fontes**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.